

Escola solidária: os discursos do voluntariado e sua relação com a educação

Rejane Ramos Klein*

RESUMO: Este trabalho aborda a problemática que vem sendo investigada sobre os discursos do voluntariado e sua relação com a educação. Uma das questões de pesquisa é como esses discursos estão adentrando o campo educacional e constituindo a escola e os sujeitos nela inseridos de maneira a que todos passem a fazer parte de uma forma “solidária de ser”. Para tanto, busca situar o campo discursivo das organizações sociais – as quais têm incentivado uma dita “cultura do voluntariado”. Procura, ainda, centrar a discussão a partir de uma delas, a Organização “FAÇA PARTE - Instituto Brasil Voluntário”, que tem realizado ações diretamente voltadas ao campo escolar. O texto faz um “ensaio” a partir de análises ainda preliminares, sobre como essa prática de parceria – entre a escola, a sociedade e os órgãos públicos e/ou instituições públicas e privadas – contém muito dos discursos das políticas neoliberais atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Escola. Discursos. Voluntariado. Organizações sociais.

Solidarity School: the discourse of volunteers and their relation with education

ABSTRACT: This study concerns the discourse of volunteers and their relation with education. One of the issues addressed in the study is how this discourse enters the educational field and constitutes the school and the subjects inserted within it in such a way that all come to be part of a type of “state of solidarity”. To do so, the study seeks to locate the discursive field of social organizations – which have encouraged a “voluntary culture”. It also seeks to focus the discussion on one of them, the organization “FAÇA PARTE - Instituto Brasil Voluntário” [DO YOUR PART, Brazilian Voluntary Institute], which has conducted activities directly related to schools. The text presents a review, based on still preliminary analyses, about how this practice of partnership – between the school, society and public entities and or public and private institutions – contain much of the discourse of the current neo-liberal policies.

KEY WORDS: School. Discourse. Volunteers. Social Organizations.

1 Situando os discursos sobre a escola solidária

Ninguém melhor do que você, educador, sabe que a escola está no centro de uma realidade que se transforma a cada dia. Sabemos que sua responsabilidade é grande: formar uma escola única como

* Professora do Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal de Novo Hamburgo/RS. Pedagoga e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. E-mail: rrklein@sinos.net

a realidade em que ela se insere, diversa como as expectativas a que ela deve atender – dos alunos, dos professores, da comunidade. (SELO ESCOLA SOLIDÁRIA, 2003).

Este artigo discute uma temática bastante recorrente na educação escolar, o voluntariado e, com ele, seus desdobramentos: a solidariedade e a parceria, através da ação das organizações sociais que estruturam e incentivam o trabalho voluntário, mais especificamente aquelas que propõem uma parceria com a escola no sentido de torná-la solidária. Essas organizações almejam construir, através de suas propostas para a educação escolar, uma dita “cultura do voluntariado”. Dessa forma, esses discursos são situados sobre a escola solidária, centrando a discussão a partir de uma dessas organizações – a “FAÇA PARTE - Instituto Brasil Voluntário” – devido a sua inserção e proposta estarem diretamente voltadas à área escolar. Um de seus programas, que será aqui analisado de forma ainda preliminar - o “Selo Escola Solidária 2003” – tem incentivado práticas de solidariedade e da parceria entre a escola e as diversas instâncias sociais. Esses discursos sobre o voluntariado serão problematizados por estarem adentrando o campo educacional e, a partir deles, a chamada às escolas e aos profissionais da educação a aderirem a uma espécie de “causa”, conforme mostra a epígrafe de abertura do texto. A partir dessa idéia de rede e parceria, fica a promessa e a busca de uma transformação da realidade social com a diminuição dos principais problemas que atingem a população, como a fome, o desemprego, a violência etc, através do engajamento de toda a sociedade civil organizada, incluindo aí, a instituição escolar.

Os discursos são tratados neste texto a partir da aproximação com a análise discursiva do autor Michel Foucault. A contribuição desse autor nesse estudo é o de apontar para a possibilidade de suspeitarmos que as ações sociais, os discursos, as práticas são “perigosas” e que elas são capazes de produzir efeitos que vão bem além das boas intenções. Tais efeitos estão sempre conectados com uma vontade de poder, a qual, instalada nos sujeitos, a partir de um processo subjetivo, parece ser capaz de produzir novos saberes tidos no contexto social como “verdades”. A partir de tais “verdades” é possível visualizar na escola os discursos sobre a importância de desenvolver práticas solidárias para contribuir com a sociedade, com o envolvimento de todos na luta contra a exclusão social. Agora, a escola, seus professores e professoras, assim como seus alunos e alunas, passam a ter que dar conta da resolução de tais questões. Não se coloca, aqui, uma posição contra o

desenvolvimento dessas práticas solidárias. Não se busca fazer julgamentos binários de bom ou ruim; ao contrário, procurar-se problematizar a forma pela qual essas práticas estão adentrando o meio escolar: como uma maneira de poder resolver os problemas e como uma forma de melhorar a qualidade do ensino. As análises aqui apresentadas problematizam o papel da educação posto no centro do processo de desenvolvimento social do país, em detrimento das funções do Estado.

Esses discursos, portanto, serão entendidos conforme Foucault (1995), como práticas capazes de construir formas de ser voluntário, de ser cidadão, de ser aluno etc. Tais práticas não são dadas ao acaso ou de forma natural, mas construídas, historicamente, por diferentes discursos capazes de adentrar a escola e constituir um tipo de currículo. Foucault (1995, p. 28) diz que, para tratarmos os discursos, é preciso estarmos prontos para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso na longínqua presença de origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância.

É nesse jogo, das organizações sociais, da mídia, da parceria entre as diversas instâncias sociais que os discursos do voluntariado serão tratados. Dessa forma, não se pretende analisá-los buscando identificar um discurso único que pudesse dar conta das questões educacionais. Também eles não serão interpretados a partir de um contexto específico, em que se poderiam observar determinadas práticas voluntárias e, partir delas, fazer uma análise acerca da eficiência e eficácia no contexto social. Assim, os discursos em torno dessas práticas é que estarão em estudo, não sendo remetidos a uma análise lingüística de significação ou procurando ir além do que foi dito ou escrito. Ao contrário, pretende-se ficar no nível do próprio discurso. Segundo Foucault (1995, p. 56), trata-se de “[...] uma tarefa inteiramente diferente: [...] que consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos [...], mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam.”

Para tratar os discursos do voluntariado dessa forma, a problemática em estudo é o próprio material discursivo, que será compreendido no jogo da sua instância. Isto significa que os discursos não são estáticos, eles se (re) fazem numa rede discursiva impossível de se apreender na sua totalidade. Por isso, a temática aqui analisada não se encontra pronta; ela muda e se refaz conforme o contexto histórico, político, social, cultural, econômico, mas,

também, a partir do nosso olhar e da nossa forma de fazer as perguntas em relação a esses discursos. Dessa forma, não se pretende investigar essa organização em si, como se ela fosse isolada da sociedade, produzindo um tipo de discurso e, através dele, coisas boas e/ou ruins para a escola. Não é essa a intenção, na medida em que foram analisadas várias organizações sociais, procurando identificar os discursos do voluntariado e sua relação com a área escolar. Todas elas fazem parte dessa rede discursiva, mas este texto centra as observações em apenas uma delas que é a FAÇA PARTE. Mesmo sem a pretensão de fazer julgamentos da sua atuação, busca, apenas, pela maneira com que tais discursos têm adentrado a escola, tornando-a solidária.

O contexto social em que se inserem tais discursos tem, se constituído a partir de políticas neoliberais, as quais merecerão destaque na análise do programa do “FAÇA PARTE - Instituto Brasil Voluntário”, o “Selo Escola Solidária”. As organizações sociais e o voluntariado têm-se apresentado como uma nova forma capaz de contribuir com o Estado para tentar resolver os problemas sociais. Vários autores têm voltado seus estudos nesse sentido, como Junqueira (2002) e Carvalho (2002), entre outros. Eles têm analisado as organizações sociais e do voluntariado na busca de compreender como podem ser agentes de transformação dos problemas sociais. Esses autores procuram argumentar que o papel que as organizações sociais tem assumido, atualmente, não pode substituir o do Estado e, da mesma forma, o dos profissionais efetivos. Seria preciso também, segundo os mesmos autores, assegurar que as organizações não perdessem o espírito crítico que sempre tiveram, desde a sua constituição. As análises em pauta apontam, ainda, como uma preocupação, a perda do papel político das próprias organizações, na medida em que elas se apresentam aliadas às políticas neoliberais, colocando sua gestão mais adequada à lógica de mercado.

As organizações multilaterais, como a Organização das Nações Unidas - ONU e seus desmembramentos: o Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas em prol da Criança - UNICEF, a Organização Internacional do Trabalho - OIT, a Organização Mundial da Saúde - OMS, entre outros; as organizações não-governamentais e as Fundações empresariais são exemplos dessa prática de parcerias e redes que vêm se estabelecendo no campo das políticas sociais como uma alternativa de distribuição do poder. Tal poder não está mais centrado no Estado-Nação, que visava o estado de bem estar social, mas com compromisso e fortalecimento de uma maior participação da sociedade nas decisões políticas (CARVALHO, 2002).

Nesse processo, o voluntariado é entendido como

[...] um dos instrumentos básicos de atuação da sociedade civil no âmbito social e vem sendo encarado como fundamental no desenvolvimento, promoção e resgate da cidadania, da responsabilidade social e da democracia.” (JUNQUEIRA, 2002, p. 138).

Pretende-se, aqui, problematizar tais discursos que vêem o voluntariado e essas parcerias como uma possibilidade de mudança para os problemas sociais. O voluntariado está sendo entendido mais como um mecanismo neoliberal que almeja construir o cidadão moderno através dos espaços institucionalizados, do que uma alternativa de transformação social. Nesse sentido, será necessário entender que não estamos tratando somente de uma boa ação, que se apresenta para fazer o bem a quem precisa e, com isso, ajudar o Estado a transformar o contexto social.

Klein (2002, 2003), argumenta que os discursos da docência voluntária, que têm constituído o campo escolar, foram entendidos como produtivos a uma forma de “governamentalização” da sociedade e dos sujeitos. Na medida em que as práticas de voluntariado se institucionalizam, os discursos da solidariedade passam a ser estratégias de “governo”, provocando outras formas de relações entre o Estado e a sociedade. Além disso, esses discursos também estão produzindo outros entendimentos, tanto sobre o papel da docência na escola, baseada em fundamentos de vocação, doação e missão, como, também, construindo um currículo escolar voltado à participação da comunidade. Faz-se necessário, porém, pensar sobre que forma de participação seria essa.

O voluntariado vem sendo constituído por diferentes discursos – do campo religioso, econômico, político etc. – que almejaram, em outras épocas, construir um indivíduo civilizado, baseado em ideais cristãos. Mais tarde, tais discursos se exerciam através dos dispositivos disciplinares com a criação de instituições sociais. Agora, no contexto atual, o processo que a sociedade vem sofrendo dá-se a partir de dispositivos tecnológicos e democráticos que colocam o indivíduo como co-responsável pelos problemas sociais. Podemos analisar, então, em termos de construção, o cidadão moderno responsabilizado e engajado na transformação da sociedade (VEIGA-NETO, 2000).

Trata-se de uma nova ordem mundial, que se configura a partir do modelo de *império*, se tomarmos os estudos de Hardt e Negri (2002). Eles argumentam que não há mais um centro de poder localizado, mas que existem relações de poder funcionando para governar o mundo civilizado. O poder do tipo pastoral, soberano e centralizado na religião

cristã, vai assumindo outras formas na idade clássica, no século XVI e XVII, com um caráter disciplinar sendo exercido através das instituições. Na atualidade, teremos que discutir a partir desse regime moderno ou pós-moderno, pois se trata de uma sociedade de controle, em que o poder é entendido como um biopoder.

As grandes potências industriais e financeiras produzem, desse modo, não apenas mercadorias, mas também subjetividades – produzem subjetividades agenciais dentro do contexto biopolítico: produzem necessidades, relações sociais, corpos e mentes [...] (HARDT; NEGRI, 2002, p. 51).

Esses aspectos sobre configuração do poder na estrutura social atual mostram que se criam novos mecanismos organizacionais para dar conta de uma determinada ordem social globalizada. O voluntariado pode ser um desses mecanismos dentro desse movimento interno que alguns países vem realizando, como é o caso no Brasil, de descentralização, flexibilização e fortalecimento da sociedade civil. O sujeito ideal do neoliberalismo, segundo Veiga-Neto (2000, p. 199), “[...] é aquele que é capaz de participar competindo livremente e que é suficientemente competente para competir melhor, fazendo suas próprias escolhas e aquisições”. Assim, proliferam-se diferentes instâncias sociais fora da tutela financeira do Estado, desobrigando os governos, ao menos em parte, do controle e das preocupações com as questões sociais.

Nesse contexto, o “FAÇA PARTE - Instituto Brasil Voluntário” apresenta em sua estrutura organizacional muito dos discursos neoliberais que passam a institucionalizar jeitos de ser voluntário e modos de agir solidários, de forma a que todos se engajem numa espécie de “causa” em prol da resolução dos problemas. Essa organização traz políticas direcionadas à escola e à sua proposta pedagógica. Seu objetivo é promover a cultura e a prática do voluntariado almejando estabelecer, em cada cidadão, parte ativa na construção de um Brasil socialmente mais justo. Ela foi criada no ano de 2001, por iniciativa de uma empresária, tendo como ação principal, para atingir esse objetivo, o Programa “Jovem Voluntário, Escola Solidária”, que pretende mobilizar os jovens através do trabalho voluntário em torno de causas sociais. Porém, especificamente, dentro desse programa, analisa-se a proposta do “Selo Escola Solidária”.

Esse programa “Jovem Voluntário – Escola Solidária” iniciou-se em 2002 como consequência das ações iniciadas em 2001 (Ano Internacional do Voluntariado – decretado pela ONU) e que busca:

[...] estimular o crescimento do voluntariado jovem no Brasil; incentivar a criação de canais receptivos à oferta de voluntariado jovem; desenvolver e produzir material teórico e prático de apoio ao trabalho dos jovens voluntários; buscar e divulgar casos de trabalho voluntário, desenvolvido por jovens, que geraram impacto social¹. (FAÇA PARTE, 2003).

Assim, esse programa se apresenta a partir de uma certa lógica de multiplicação dessa cultura do voluntariado, através de várias estratégias, as quais não estão mais centradas no campo econômico e/ou empresarial, mas que passam a fazer parte do discurso pedagógico, instituindo políticas dirigidas aos jovens e a serem “aplicadas” na escola.

O FAÇA PARTE acredita que as mudanças são mais profundas quando articuladas com o Poder Público. Por isso, estabeleceu a parceria para esse programa “Selo Escola Solidária” com órgãos como o Ministério da Educação - MEC, o Conselho Nacional dos Secretários Estaduais de Educação - CONSED, e a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação - UNDIME. Esta parceria, que institui o Comitê Especial FAÇA PARTE, agrega Federação, estados e municípios na causa do voluntariado educativo nas escolas. Além dessas parcerias nacionais, o FAÇA PARTE formalizou parcerias com a Organização das Nações Unidas - ONU, Organização Educacional Científica e Cultural das Nações Unidas - UNESCO e *United Nations Volunteers* - UNV. A prática de parceria adotada por esse programa vem mostrando um cenário que tem sempre mais envolvido o Estado e a sociedade civil. Trata-se de uma nova forma de legitimação de tal programa e, ao mesmo tempo, de responsabilização de todos. É uma outra lógica, a qual tem sido demonstrada por alguns estudos já realizados no Brasil, como, por exemplo, o de Traversini (2003), em que a autora analisa o Programa de Alfabetização Solidária - PAS – desenvolvido a partir de 1997, no governo Fernando Henrique Cardoso, a partir da criação do Programa Comunidade Solidária. Tal programa consiste numa nova forma de conceber e trabalhar com a questão social, que é desenvolvida a partir de redes constituídas sem hierarquia, por adesão de vários parceiros: Estado, indivíduos voluntários, empresas públicas e privadas. O alcance e a abrangência de que se constituiu tal programa propiciaram que muitos outros programas fossem criados através dessa mesma estruturação.

¹ Disponível em: <http://www.façaparte.org.com.br> Acesso em 20 de dez. de 2003.

A partir desse modelo, o FAÇA PARTE também se insere e conta com parcerias para atingir seus objetivos. Além dos diversos órgãos públicos envolvidos como parceiros também conta com o apoio e patrocínio de muitas empresas da rede privada, tais como: Banco Fibra, Real, Itaú e empresas como Petrobrás, Natura e Dpaschoal, entre outras. Como apoiadores na divulgação do programa, conta com o Jornal Diário de São Paulo, a Fundação Educar e a Revista Nova Escola, entre outros.

2 Algumas possibilidades de análise do Programa “Selo Escola Solidária”

Ele (o Selo) foi desenvolvido por educadores de diferentes instituições que acreditam nesta causa, para reconhecer o empenho de todas as escolas que trabalham na construção de um mundo melhor. É a oportunidade dessas escolas se mostrarem e serem valorizadas pela sociedade como espaço de educação, de formação, de vivência e cultivo da solidariedade. (FAÇA PARTE, 2003)².

Para atingir seu objetivo, que é promover a cultura do voluntariado, a Organização FAÇA PARTE promove o programa “Selo Escola Solidária”. Esse Selo serve para identificar todas as escolas que estão comprometidas com uma educação fundamentada nos ideais de solidariedade, de participação e de responsabilidade social. Tais fundamentos são divulgados pela organização e cobrados das escolas como uma exigência para que elas sejam consideradas solidárias. Para que as escolas participem e concorram a esse “prêmio”, (O Kit “Selo Escola Solidária – 2003” composto por: um certificado, quatro cartazes e um CD para computador, contendo os arquivos eletrônicos do Selo) elas precisam preencher um questionário composto de nove questões objetivas e uma dissertativa. As nove questões estão voltadas diretamente à proposta pedagógica da escola: perguntam sobre sua organização política; a gestão organizacional; o trabalho desenvolvido pelos professores e professoras em sala de aula; as atividades desenvolvidas pela escola; o tratamento dado pela escola a respeito de temas transversais; a divulgação que promove de seus eventos; quais ações sociais realiza e de que forma as tem realizado. Todas as respostas consideradas “corretas” estão voltadas ao envolvimento de toda a comunidade, a práticas de voluntariado e de solidariedade. Quanto maior o seu envolvimento com a comunidade e quanto mais ações voltadas a essas práticas, melhor será a sua classificação frente a outras escolas concorrentes. A última questão, a única que se diferencia das outras, abre espaço para que a

² Disponível em: <http://www.facparte.org.com.br> Acesso em 20 de dez. de 2003.

escola se “mostre” e sirva de exemplo às demais. A direção terá que contar alguma experiência significativa que demonstre a importância da solidariedade e/ou do voluntariado na sua escola.

A avaliação de cada escola é divulgada no *site* da Organização, através de um gabarito que serve a todas as escolas inscritas. Cada resposta contém um valor, o qual deve ser somado para obter uma nota satisfatória a que ela seja selecionada como “escola solidária”. A resposta da questão número dez ainda poderá concorrer a mais um tipo de premiação: serão selecionadas, por região, cinco escolas que apresentarem o melhor relato. Tal premiação terá como objetivo dar maior visibilidade às experiências de solidariedade das escolas, pois os relatos serão publicados em um anuário que será distribuído às bibliotecas, Organizações Não Governamental - ONGs, Secretarias de Educação e outras entidades, em todo o Brasil. Os critérios para tal seleção serão a relevância da experiência para todos os envolvidos; a abrangência em que contam o envolvimento de todos e o impacto que resultou a experiência. Posteriormente, os nomes das escolas selecionadas também serão divulgados, pois a mídia será convidada a participar, visitando todas as escolas que foram premiadas, para que sirvam de exemplo, aproveitando para promover e divulgar a sua proposta de trabalho.

A partir desse modelo de escola solidária – instituído através dos parâmetros dessa organização – podemos perguntar como é possível ser solidário almejando uma premiação. Parece um tanto paradoxal. Permite, também, questionar o quanto esses discursos do meio empresarial, de premiação, de *ranking*, publicidade etc., estão cada vez mais adentrando o meio educacional. Porém, essa forma de adentrar é sutil, quase imperceptível. Essa prática de avaliação desenvolvida por esse programa, a qual propõe avaliar as ações que a escola realiza para (poder ou não) considerá-la solidária, institucionaliza a solidariedade levando a escola a assumir outras funções.

Os textos produzidos por essa organização estão inseridos numa lógica que tem priorizado o mercado, mas que se utilizam diversas estratégias para mostrar-se de outra forma: mais voltados à responsabilidade social. Para que as escolas sejam consideradas solidárias e, posteriormente, mostradas, através do Selo, como melhores ou como mais solidárias para com a sociedade, precisam estar inseridas nessa lógica de pontuação, premiação e classificação. Essa lógica tem sido entendida no contexto social como uma “verdade”, que dá legitimação perante a sociedade. Nesse sentido, a proposta pedagógica

das escolas deverá também ser vista para que sejam consideradas pela comunidade dentro de um certo padrão de responsabilidade social.

A multiplicação desses exemplos das escolas solidárias deve ser alcançada a partir de várias estratégias. Conforme nos mostrou o questionário de avaliação da questão número dez, a escola considerada solidária deve se mostrar, para que sirva de exemplo e a idéia seja multiplicada. Para isso, o apoio da mídia na divulgação dos resultados torna-se ainda mais eficaz. A mídia tem sido um forte multiplicador desse ideal neoliberal, na medida em que é capaz de mostrar, a partir de imagens concretas – muito bem produzidas –, as ações realizadas. Nesse sentido, tais ações conquistam maior engajamento da sociedade civil, uma melhor e mais rápida aceitação e uma maior confiabilidade de ambas as partes. O que é mostrado na mídia tem sido, também, entendido como uma “verdade”. A mídia é um dos espaços privilegiados onde se articulam diferentes discursos. Fischer (2001) em seus estudos sobre a televisão e a educação, afirma que a mídia é entendida como um artefato cultural que tem “[...] participação decisiva na formação das pessoas – mais enfaticamente, na própria constituição do sujeito contemporâneo” (FISCHER, 2001, p. 15). Essa autora vê a televisão como parte integrante e fundamental dos processos de produção e circulação de significados e sentidos. Assim, as grandes campanhas de divulgação do trabalho voluntário são decisivas na produção de um certo modelo de organização social. A mesma autora, referindo-se a elas, diz que

[...] operam com significados que as qualificam acima do bem e do mal, como se nada nelas fosse passível de crítica e, por isso mesmo, interpelam tão eficazmente a população, assim convocada a atos de generosidade, mostrados por si mesmos como ‘positivos.’” (FISCHER, 2001, p. 18).

Além da mídia televisiva, outras estratégias são acionadas para a divulgação do programa. O texto considerado melhor ou mais inserido nos critérios tidos como melhores e mais acertados pelo programa será transformado em mais uma estratégia de divulgação. Com todo o caráter de verdade que o texto escrito adquiriu nas sociedades modernas – ele é utilizado pelo programa para essa finalidade. O texto selecionado será enviado a órgãos interessados em “vender essa idéia” como as ONGs, Secretarias de Educação e outras instâncias.

Os discursos da solidariedade, do voluntariado e da parceria estão, cada vez mais, voltados à área educacional e ao público jovem das escolas. Trata-se de estratégias sutis

que almejam constituir um currículo e uma escola “fazendo parte” de uma lógica que tem sido considerada boa a todos os indivíduos. Um modelo que propõe transformar a realidade social através do engajamento de toda a sociedade como aliada do Estado na promoção de políticas sociais.

3 Procurando estreitar as relações entre as políticas neoliberais e o campo educacional

Histórico escolar trará também o registro de trabalhos voluntários. Diário Oficial publica Resolução da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo para estimular e reconhecer ações de voluntariado vivenciadas por jovens estudantes sob orientação das equipes escolares. (FAÇA PARTE, 2003).³

Conforme já mencionado, as políticas neoliberais estão tomando a área educacional e constituindo a escola e os sujeitos de forma a estarem aptos a fazer parte dessa estruturação social que precisa ser mantida. A lógica de mercado – premiação, pontuação, selo – tem adentrado a proposta pedagógica das escolas. Na medida em que esses discursos produzem “verdades” referentes a como devem ser as propostas das escolas, o que deve ou não constar como importante de ser ensinado aos alunos e qual a melhor forma de ensinar – constituem um tipo de currículo para a escola. Conforme o estudo de Paraíso (2002), esses discursos do voluntariado, no caso específico da mídia educativa que ela analisou, almejam fabricar sujeitos que doam seu trabalho para uma escola pública no sentido de transformá-la. Esse sujeito, segundo ela é “[...] o indivíduo solidário, corajoso, participativo, afetuoso, amigo, esperançoso e cidadão; ele se preocupa com o desenvolvimento do Brasil; doa seu trabalho para as escolas públicas brasileiras” (PARAÍSO, 2002, p. 42). Conseqüentemente, a autora afirma que tais discursos constituem um currículo espontaneísta, baseado na intuição, interesse e boa vontade, e em pressupostos: espontâneos, intuitivos, afetivos, interessados e com boa vontade de ajudar o outro.

A lógica da premiação com o selo para a escola considerada solidária já foi uma prática desenvolvida pelo PAS, o qual premiava as empresas parceiras e que mantinham a responsabilidade social. Agora, esse selo retorna através do programa FAÇA PARTE, e com essa mesma idéia, a de identificar a escola solidária e mostrar a todos a sua participação solidária na sociedade. Tanto serve como identificador para que outras escolas sigam o exemplo, como, também, para que a comunidade a reconheça como aquela

³ Disponível em: <http://www.façaparte.org.com.br> Acesso em 20 de Dez. de 2003.

adequada aos padrões considerados mais modernos, atualizados e, ainda, com responsabilidade social. Na mesma lógica com que as empresas estão atuando para ganhar maior reconhecimento e confiabilidade dos seus clientes, no sentido de manter e ampliar a venda de seus produtos, quando mostram que estão envolvidos na resolução das questões sociais.

Tais discursos vão adentrando a escola de várias formas, seja através de materiais produzidos por essas organizações com todo o aval de órgãos credenciados, como o MEC e outros, seja, mesmo, através de especialistas da educação que aderem à causa, passando a divulgar e convocar a área educacional a fazer parte dessa idéia. Conforme diz Montoro (2003), uma diretora de escola, referindo-se ao ensino da solidariedade: “[...] a escola pode e deve ser um laboratório de sensibilização e um espaço de promoção e incentivo às ações de solidariedade e cidadania.”⁴ Quando não são ações diretamente desenvolvidas em sala de aula, elas passam a fazer parte de outras estratégias. No Estado de São Paulo e também na Bahia já estão em vigor uma Resolução⁵ que visa a divulgação, no currículo escolar do aluno, da experiência de ações voltadas ao voluntariado que ele tenha desenvolvido durante os anos escolares. Na mesma lógica com que o *curriculum Vitae* de um profissional está contando muitos pontos a favor da contratação em uma empresa se o candidato tiver realizado algum tipo de experiência voltada à área social. E, ainda mais, se a empresa em que ele busca essa vaga realizar parcerias com algum programa ou organização social.

Essa lógica, que institui parcerias entre a sociedade civil e instituições privadas, não significa que o Estado tenha renunciado ao seu papel, mas sim que ele passou a utilizar-se de outros mecanismos de “governamento”. Conforme Traversini (2003, p.148):

[...] com o neoliberalismo ocorre uma apropriação dessa forma de ação para solucionar os problemas sociais que estavam sob a responsabilidade do Estado. Com as parcerias, envolvem-se, agora, o Estado e a sociedade civil em um mesmo compromisso: intervir nos locais para gerenciar o risco social.

Esses programas, dirigidos à área educacional, estão sendo pautados por uma lógica de desenvolvimento de competências, de avaliações padronizadas pela premiação das melhores escolas, da melhor experiência que serve de modelo. Assim, parece que a escola, também, tem feito parte dessa racionalidade neoliberal, a qual deverá preparar os

⁴ Retirado do texto de Malu Montoro, Diretora do Ensino Médio do Colégio Santa Cruz..

⁵ RESOLUÇÃO 143, de 29-8-2002. Voluntariado agora faz parte da proposta pedagógica. Ver referências.

indivíduos para ingressarem em um mundo regulado pelo mercado competitivo. Essa exigência de que a escola se preocupe com questões sociais mais amplas, envolva a comunidade e desempenhe atividades voltadas à solidariedade, não estará redirecionando seu papel de construção e produção de conhecimentos? Essa preocupação em ajudar o outro, doar seu tempo, trabalho ou dinheiro, envolver-se numa espécie de missão salvacionista dos problemas sociais, não estará delegando à escola outras funções? Tais funções ainda podem estar deixando em aberto um lugar ocupado pelo profissional da educação, que agora pode ser qualquer pessoa, o voluntário da educação?

Referências

CARVALHO, M. do C. B. de. A participação do voluntariado cidadão na política social municipal. In: PEREZ, C.; JUNQUEIRA, L. P. (Org.). *Voluntariado e a gestão das políticas sociais*. São Paulo: Futura, 2002, p. 123-135.

FISCHER, R. M. B. *Televisão & Educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

HARDT, M.; NEGRI, A. *Império*. Tradução Berilo Vargas. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

JUNQUEIRA, L. P. Trabalho voluntário e a gestão das políticas sociais. In: PEREZ, C.; JUNQUEIRA, L. P. (Org.). *Voluntariado e a gestão das políticas sociais*. São Paulo: Futura, 2002. p. 138-147

KLEIN, R. R. *A docência voluntária: discursos que constituem o voluntariado na escola*. 2002. (Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo, 2002.

_____. A docência voluntária na escola: que discurso é esse? *Revista Educação Unisinos*. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, v. 7, n. 13, p. 121-122, número especial, 2003: anais do III Congresso Internacional de Educação – Educação na América Latina nestes tempos de império – São Leopoldo: Unisinos, 2003.

MONTORO, Malu *Aprende-se Solidariedade na Escola*. Disponível em: <<http://www.facaparte.org.com.br>>. Acesso em 20 dez 2003.

ORGANIZAÇÃO FAÇA PARTE – INSTITUTO BRASIL VOLUNTÁRIO. Cartaz de divulgação do Programa “Selo Escola Solidária 2003”.

_____. Disponível em: <<http://www.facaparte.org.com.br>>. Acesso em 20 dez. 2003.

PARAÍSO, M. A. *Currículo e Mídia Educativa: práticas de produção e tecnologias de subjetivação no discurso da mídia educativa sobre educação escolar*. 2002. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Rio de Janeiro, 2002.

RESOLUÇÃO 143, de 29 ago.2002. *Voluntariado agora faz parte da proposta pedagógica São Paulo*. Disponível em:<[http:// www.facaparte.org.com.br](http://www.facaparte.org.com.br) >. Acesso em 20 dez 2003.

TRAVERSINI, C. S. *Programa Alfabetização Solidária: o governo de todos e de cada um*. 2003. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Porto Alegre, 2003.

VEIGA-NETO, A. Educação e governamentalidade neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades. In: BRANCO; PORTOCARREIRO (Org.) *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: NAU, 2000. p.179-232.

Endereço:

25 de julho, 1100B/403
Bairro Rio Branco
Novo Hamburgo - RS

Recebido: março/2004
Aprovado: julho/2004